

Fukushima, ProSAVANA e Ruth First: Análise de "Mitos por trás do ProSAVANA" de Natália Fingeremann Sayaka Funada-Classen¹

1. Introdução

Quando li o artigo intitulado "Os mitos do ProSAVANA" no Boletim IDeIAS (29 de Maio de 2013²) escrito por Natália Fingeremann, a primeira coisa que me veio à mente não foi a cooperação triangular denominada ProSAVANA³ (*Cooperação Triangular para o Desenvolvimento da Agricultura na Savana Tropical em Moçambique*) ou Moçambique. Foi o Acidente Nuclear que teve lugar em Fukushima, no meu país Japão, a 11 de Março de 2011. Depois pensei em Ruth First, que lutou pela libertação de África e dos africanos, e que foi morta por uma bomba que lhe foi enviada para o CEA (*Centro de Estudos Africanos*) em Maputo, em 1982, pelo regime do apartheid sul-africano.

Pensei sobre o papel dos académicos, principalmente que interesses devem servir, e como podem contribuir para evitar danos futuros. Fingeremann pede para a sociedade civil e os académicos "serem responsáveis", pede críticas "com bases reais". No entanto, ela refere-se às críticas ao ProSAVANA como "mitos". Analisei os argumentos e o raciocínio e fiquei confusa porque não encontrei quaisquer "bases reais" para chegar a essas conclusões.

Neste IDeIAS e nos dois que se seguirão, analiso os três "mitos" de Fingeremann: (1) "o ProSAVANA é uma réplica do PRODECER (*Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para Desenvolvimento dos Cerrados*, 1979-99)"; (2) "o ProSAVANA vai usurpar terras aos pequenos agricultores"; (3) "há conflitos entre Agronegócio e pequenos agricultores". No final destes artigos, gostaria de trazer a questão da

"investigação responsável" para a discussão do ProSAVANA, com base nas discussões académicas no Japão pós-Fukushima, e em Ruth First.

2. Examinando "Mito 1 – o ProSAVANA é uma réplica do PRODECER"

Fingeremann partilha três razões para definir este como o "mito 1". Neste artigo vou examinar: (a) as origens da ideia do "ProSAVANA é uma réplica do PRODECER"; e (b) uma das três razões referidas: "os aspectos negativos do PRODECER são reconhecidos pelos governos do Japão e do Brasil".

(a) As origens da ideia do "ProSAVANA é uma réplica do PRODECER"

A primeira pessoa a usar oficialmente a expressão "uma réplica do PRODECER" foi o Ministro da Agricultura moçambicano, José Pacheco, que fez a seguinte declaração pública após o seu encontro com delegados da JICA (*Agência Japonesa de Cooperação Internacional*) no final de 2012: "**O Pro-Savana é uma réplica** de uma cooperação bilateral que há 30 anos ocorreu no Brasil, numa região que com características idênticas às do Corredor de Nacala. (...) Olhamos todos com bons olhos a possibilidade de **fazer essa réplica em Moçambique**" (*AIM*, 25 de Dez. de 2012). A sua declaração foi "**apoiada oficialmente**" pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, MNE-Japão (28 de Fev. de 2013⁴).

Contrariamente ao argumento de Fingeremann, a primeira declaração da UNAC (*União Nacional de Camponeses*, a maior associação de camponeses de Moçambique) não faz uso da mesma

expressão: "[O ProSAVANA] **foi inspirado por um projecto de desenvolvimento agrícola anterior, implementado pelos governos do Brasil e do Japão no Cerrado**" (UNAC, 11 de Out. de 2012).

De facto, o Japão promoveu essa imagem (do PRODECER ao ProSAVANA) na fase inicial do programa, embora não tenha usado o termo "réplica", como se pode confirmar em muitos documentos publicados pela JICA (30 Junho; 28 Set., 2009; 31 Julho, 2012), e analisados num artigo anterior (Funada-Classen, 2013a⁵). No relatório final do estudo preparatório do ProSAVANA, pode-se ver claramente até que ponto era importante para os actores brasileiros e japoneses trazer o PRODECER ao ProSAVANA (JICA, 2010⁶: S-1). O relatório explica da seguinte forma o objectivo e o processo de formulação do ProSAVANA: (1) a contribuição do Japão para o Cerrado (PRODECER) foi um sucesso; (2) a cooperação entre o Brasil e o Japão é da maior importância; (3) **a savana tropical africana é um alvo** para (2); (4) **"Moçambique foi seleccionado como primeiro caso"** para (3), **para implantar as tecnologias adquiridas pelo PRODECER** (*ibid.*). A prioridade deste estudo foi identificar **"semelhanças com"** e **"o que pode ser usado das" experiências do Cerrado brasileiro** (*ibid.*), embora o acordo do ProSAVANA tenha sido assinado com base em "factos" das "características agro-ecológicas comuns/semelhantes entre o norte de Moçambique e o Cerrado" (JICA, 28 Set., 2009⁷). Assim sendo, descobrir a realidade dos pequenos agricultores locais, que representam 80% da força do trabalho, e ocupam 95% da terra arável (INE,

1. Dr. Sayaka Funada-Classen é Professora Associada na Tokyo University of Foreign Studies (TUFS) desde 2008. Tem vindo a trabalhar e a fazer pesquisa no norte de Moçambique desde 1994, tendo ganhado um prémio pela autoria da sua dissertação de Ph.D.: "The Origins of War in Mozambique: a history of unity and divisions", agora disponível em The African Minds (<http://www.africanminds.co.za>). É co-autora de "The Japanese in Latin America" publicado pela Illinois University Press em 2004. Ela foi pesquisadora associada no CEA-UEM (Maputo) de 1997 a 2009.

2. http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_49.pdf

3. O ProSAVANA compõe-se de três actividades: ProSAVANA-PD para a preparação do Plano Director (2012-2013); ProSAVANA-PI para o melhoramento da pesquisa sobre desenvolvimento agrário; ProSAVANA-PE para o melhoramento da extensão agrícola (JICA, 25 Jan., 2013; Report No.1:1-1).

4. Durante a visita oficial do Presidente da UNAC Augusto Mafigo e um representante da Justiça Ambiental, uma ONG moçambicana, ao MNE-Japão em 28 de Fev., 2013.

5. "Análise do Discurso e dos Antecedentes do Programa ProSAVANA em Moçambique – enfoque no papel do Japão". <http://farmlandgrab.org/post/view/21802>.

6. 「ProSAVANA準備調査最終報告書」

7. http://www.jica.go.jp/topics/2009/20090928_01.html

CAP 2009-10) tornou-se secundário. No mesmo estudo foram entrevistados apenas 20 "agricultores" locais incluindo os de média e grande escala (MNE-Japão, 13 Dez., 2012⁸).

Qual foi o resultado deste estudo, uma questão de "descobrir as semelhanças do Corredor de Nacala com o Cerrado"? Tanto a EMBRAPA (*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*) como a JICA tiveram de admitir os seguintes factos: "[ao longo da EN13, o Corredor] **não há terra arável onde se possa desenvolver agricultura de larga escala, e não há terras semelhantes ao Cerrado. (...) estes factos deixam dois desafios** (EMBRAPA, *in* JICA, 2010:S-23). Como se sabe, a área ao longo do Corredor caracteriza-se por terras férteis e abundância de água, sendo, portanto, a mais populosa. Contrariamente ao Cerrado, onde o solo não era fértil, com grande acidez e alto teor de alumínio, e onde a densidade populacional era baixa (MOZAMBIQUE, 2012⁹).

Com base no referido estudo, a EMBRAPA identificou duas questões problemáticas: (1) **a impossibilidade de introduzir tecnologias de agricultura comercial;** e (2) a produção dos **pequenos e médios agricultores tinha de ser mais importante "durante um tempo"** (EMBRAPA, *in* JICA, 2010: S-23). Para fazer coincidir os interesses do ProSAVANA com os interesses brasileiros, mas não com os dos agricultores locais ou as suas realidades, a EMBRAPA recomendou veementemente a inclusão de 6,400,000 ha de terras da província do Niassa além daquela terra ao longo do Corredor de Nacala, onde a densidade populacional é baixa e a floresta é densa. No entanto, **fora do Corredor**, enfatizando assim a "semelhança com o Cerrado" (*ibid.*). Os três governos concordaram. Se o objectivo do programa fosse de facto apoiar os agricultores locais ao longo do Corredor, como enfatizaram recentemente os agentes do ProSAVANA (pelo Presidente da JICA, 22 de Fevereiro, 2013¹⁰; Ministro de Agricultura, 2 de Abril, 2013¹¹), porquê incluir essa área com base nessas razões?

(b) "Aspectos negativos do PRODECER não são escondidos pelo Japão"?

Examinemos a razão de Fingermann na segunda metade de (a). Em nenhum dos relatórios publicados pela JICA sobre o PRODECER consegui encontrar qualquer descrição dos aspectos negativos do programa, excepto nalgumas frases. Pelo contrário, é mais frequente ouvir o governo japonês e a JICA falar do PRODECER como um "sucesso/milagre". Isto fica evidente no título de um livro escrito pelos guardiões do PRODECER da JICA e planificador do ProSAVANA, Yutaka Hongo, e ex-director do JICA-RI, Akio Hosono, "O **Milagre** do Desenvolvimento do '**Cerrado**', **Terra Árida** no Brasil". Os dois autores chegam mesmo a dizer que o PRODECER foi "**ambientalmente prudente**" durante a Conferência Rio+20 (JICA-RI, 2012).

Na verdade, o PRODECER destruiu a maior parte do bioma de 345,000 ha do Cerrado (com outros programas do governo brasileiro em 3 milhões de ha do Cerrado), que era uma área rica em biodiversidade a nível mundial, onde se reconhece uma flora rica com 7,000 espécies e elevado nível de endemismo (Klink & Machado, 2005), e nascente das principais bacias hidrográficas brasileiras. Mas, 50% do Cerrado "foi transformado em pasto e terra agrícola plantada com culturas de rendimento" (*ibid.*:1; IBAMA, 2009:12). No entanto, para Hongo & Hosono e o governo japonês, a região do Cerrado era "**terra árida**".

O PRODECER chegou à fase final de promoção dos programas de desenvolvimento de mega-escala no Cerrado durante o período do regime de ditadura militar (1964-85). O PRODECER foi criticado pelos deputados estaduais porque reproduzia "o modelo económico [imposto pela ditadura]", e "não leva em conta a necessidade de mudança da estrutura agrária brasileira" (*Diário de Manhã*, 10 Março, 1984).

Mas, no fim, os PRODECER I, II e III levaram à abertura de uma vasta área para apenas 717 "colonos de origem japonesa e europeia" vindos do Sul do país porque eles eram "**agricultores superiores** (com capacidade de produzir de forma modernizada)" (entrevista de Hongo, *in*

JICA, Junho, 2009). Cada família de *colonos* vinda de fora, para além de um fundo inicial, recebeu cerca de 400-500 ha e com apoios financeiros, ao mesmo tempo que os locais lutavam por conseguir terra, para ultrapassar uma distribuição de terras injusta, datada do período colonial. Esta frustração manifestou-se em conflitos de terras por toda a região do Cerrado desde 1980 (Pessoa, 1988). De acordo com os dados referidos no seu relatório, a JICA anotava estes problemas de terra (JICA, 1983), mas isso não impediu que continuasse a distribuição injusta de terras e fundos (assistência), alargando mesmo a área alvo a muitos outros estados, e inclusive abrindo a "fronteira agrícola" vizinha da Amazônia.

Fingermann sugere que os que reconhecem os erros do passado (PRODECER) podem melhorar os seus comportamentos no futuro (ProSAVANA), mas a sua suposição não se verificou. As sociedades de Moçambique, Brasil e Japão não estão preocupadas com o que se passou há 30 anos, mas sim com o que os parceiros da JICA (ainda) estão, no presente e oficialmente, a dizer, e como isto é herdado pelos funcionários jovens da JICA. Por exemplo, como na seguinte observação: "**Através do PRODECER, a JICA (...) acredita que o Japão pode contribuir para um desenvolvimento inclusivo e amigo do ambiente** (Kota Sakaguchi, 15 de Novembro, 2012). A JICA não viu qualquer problema em enfatizar o "**sucesso da 'agricultura familiar' do PRODECER**" como uma experiência útil para o norte de Moçambique até ser criticada pelas ONGs japonesas (o 1º encontro ONG-MNE -Japão sobre o ProSAVANA, em 25 Jan., 2013).

CONCLUSÃO

O "mito 1" de Fingermann: "ProSAVANA é uma réplica do PRODECER", contrariamente ao que ela afirma foi de facto dito pelo ministro moçambicano, e esta ideia foi promovida pelos três governos e não foi pela sociedade civil ou académicos. Após a análise de um dos três argumentos que Fingermann utiliza para justificar o seu "mito 1": "os aspectos negativos do PRODECER são reconhecidos pelo governo do Japão", verifica-se que este raciocínio não tem qualquer base.

8. Resposta do MNE-Japão durante ODA Policy Council, Tóquio.

9. News reports & clippings, December 28, 2012:5.

10. http://www.jica.go.jp/press/2012/20130222_01.html

11. No seminário da JICA sobre ProSAVANA, Tóquio.

12. "JICA-RI conducts research for an upcoming book on the Cerrado in Brazil"

13. Klink, Carlos & Machado, Ricardo, "Conservação do Cerrado brasileiro", *Megadiversidade*, vol. 1.no.1, July 2005.

14. Os autores da JICA tiraram a expressão "árida" do título da versão inglesa deste livro. Isto mostra "duplicidade" típico dos agentes governamentais japoneses, e também é evidente nas discussões do ProSAVANA.

15. http://www.jica.go.jp/story/interview/interview_75.html

16. Pessoa, Vera Lucia (1988) "Acção do Estado e a Transformação Agrária no Cerrado das Zonas de Paracatu e Alto Paranaíba, MG, dissertação à Universidade Estadual Paulista."

17. 「PRODECER拡大計画基礎一次調査報告書」.

18. Palestra na Universidade de Meiji Gakuin, Tóquio.